

Listas poéticas no romance *Sementes do sol* de Ademar Ayres do Amaral.

¹Tedson Rennyson Souza do Nascimento

Orientadora: Alessandra Fabrícia Conde da Silva²

Resumo: Este trabalho investiga a presença das listas em *Sementes do sol* de Ademar Ayres do Amaral. No romance, cujo pano de fundo, é a imigração japonesa para a Amazônia receitas culinárias surgem encaixadas nas narrativas que as referenciam. A listagem dessas receitas, objetos, etc. evidenciariam algo mais que uma lista prática, desaguaria no poético, conforme a concepção de Umberto Eco (2010). De igual modo, outras listas, como as de livros ou citações literárias que o narrador apresenta no desenrolar da história são operadores da prática intertextual. Qual a razão das enumerações de objetos, informações documentais e científicas, citações literárias, receitas culinárias em *Sementes do sol*? Que efeito de sentido podem mostrar? Este estudo, para responder a essas questões, se ampara nos estudos de Antoine Compagnon (1996), Fusako Tsunoda (1988), Maria Esther Maciel (2022), Márcio Souza (2019), Samuel Benchimol (2009), Tiphaine Samoyault (2008), Umberto Eco (1985) e (2010), entre outros.

Palavras-chave: Amazônia; *Sementes do sol*; imigração japonesa; Listas poéticas; Ademar Ayres do Amaral.

¹ Discente do curso de Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, Capanema-PA. Bolsista PIVIC/Produtor – Projeto de pesquisa intitulado: Cartografias literárias da imigração do continente amazônico. E-mail: oliveirarenyson46@gmail.com;

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente da Universidade Federal do Pará/Campus Bragança. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Prodoutoral intitulado Cartografias literárias da imigração do continente amazônico, na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: afcs77@hotmail.com;

Introdução

Sementes do sol, romance de Ademar Ayres do Amaral, publicado em 2012, é uma narrativa que tem como pano de fundo a imigração japonesa para a Amazônia Ocidental. A prosa retrata a vida difícil dos habitantes que moram nas várzeas amazônicas, expondo costumes, dificuldades e resiliência dos ribeirinhos que vivem às margens dos rios. A história principal se desenrola por meio da personagem Tição, homem pobre, descendente de quilombolas e protagonista da narrativa. Além de Tição, há outros personagens apresentados ao longo da narrativa, sendo também alguns, além dos japoneses, frutos da imigração para a Amazônia, como o judeu Absalão, o libanês chamado de “Turco”, os italianos e os portugueses.

Em *Sementes do sol* também se discorre sobre o cenário do ciclo da juta³ na Amazônia. No início do romance, Ademar Ayres do Amaral esclarece que desde muito tempo teve o desejo de escrever um romance em que o ciclo da juta fosse o foco. Para elaborar a narrativa, o autor, conforme descreveu, realizou estudos sobre o plantio da juta e a imigração japonesa na Amazônia, mesclando assim “a ficção com uma boa dose de realidade” (Amaral, 2012, p. 04).

Nessa prosa, surgem encaixadas receitas culinárias que são referenciadas na narrativa. Além disso, o narrador apresenta no desenrolar da história listas de animais, livros, informações documentais, fragmentos de outros textos que são operadores de práticas intertextuais. Este artigo se volta a estudar essas ocorrências no romance, considerando a saga da imigração japonesa para a Amazônia, expondo a relevância e contribuição dos nipônicos na região.

Este trabalho, tendo como principal método de estudo a pesquisa bibliográfica, para responder as questões apresentadas anteriormente, conta como referencial teórico os estudos de Antoine Compagnon (1996), Franco Junior (2009), Fusako Tsunoda (1988), Maria Esther Maciel (2022), Márcio Souza (2019), Samuel Benchimol (2008; 2009; 2013), Tiphaine Samoyault (2008), Umberto Eco (1985; 2010) e outros. Para o estudo da presença japonesa na Amazônia, foram utilizados alguns autores que trabalham com essa temática, como Alfredo Homma (2009; 2016), Fusako Tsunoda (1988), Márcio Souza (2015), Samuel Benchimol (2008; 2009; 2013). Para compreender os efeitos de sentido que as listas intertextuais, de animais, receitas culinárias podem gerar na narrativa, a pesquisa valeu-se das considerações de Antoine Compagnon (1996), Maria Esther Maciel (2022), Tiphaine Samoyault (2008) e Umberto Eco (1985; 2010). E para a análise dos elementos estruturais da narrativa, visando à compreensão da história e o

³ Juta (corchorus capsulares) é uma fibra têxtil originária da Índia, que servem para produção de sacarias, cestos, telas e fios (Homma, 2016).

lugar das listas no enredo, utilizou-se os apontamentos de Franco Junior (2009) e Leite (1985), que tratam sobre os elementos da narrativa.

Os koutakusseis na Amazônia

O romance de Ademar Ayres do Amaral, ao discorrer sobre a temática da juta na Amazônia expressa nitidamente a ligação com a imigração japonesa. Desse modo, por meio de uma narrativa dividida em 39 capítulos (40 com o epílogo), o narrador onisciente, isso é, que não participa da narrativa, mas conhece todos os fatos ocorridos (Franco Junior, 2009), desenrola o romance contando a história da aclimação da juta e da vinda dos nipônicos à Amazônia, assunto que ganha ênfase nos capítulos 7, 8, 9, 28.

Os chamados koutakusseis foram encarregadas do plantio da juta na Amazônia. Essa nomenclatura foi dada aos jovens japoneses que estudaram na escola Nippon Koto Takushoku Gakko, na cidade de Kawasaki, no Japão, cujo objetivo era o de ensinar aos jovens sobre a região que iriam morar, auxiliando-os no processo de adaptação ao novo local de trabalho e aos costumes no novo país. É importante ressaltar que pouco se escreve sobre a imigração dos koutakusseis, principalmente em obras literárias, como destaca Alfredo Homma (2016, p. 10) na segunda edição do livro *Imigração Japonesa na Amazônia*.

Na apresentação do livro, Ademar Ayres do Amaral (2012, p. 3-5) relata que não poderia desenvolver uma narrativa voltada ao tópico da juta na Amazônia sem dar os devidos créditos aos koutakusseis, visto que foram os autores da aclimação da fibra indiana, essa sendo a responsável pelo reerguimento da economia, cultura e sociedade amazônica. Para isso, Ademar Ayres destaca que foi necessário muito estudo, leitura e conversas com indivíduos que vivenciaram ou tinham conhecimento sobre a vinda dos koutakusseis e sua contribuição à Amazônia. Em seus agradecimentos o autor descreve alguns dos documentos e diálogos que foram importantes para a construção do enredo: *70 anos da imigração japonesa na Amazônia* (Associação pan-amazônia nipo-brasileira, 2007), *Koutakusei e a juta na Amazônia* (Uyetsuka, 2011), conversa com Saburo Ono, Silvia Tsuji e Leonor Tsuji, filha e viúva de Korato Tsuji, homem importante na odisseia nipônica, pois foi ele o encarregado pelo amigo e deputado Tsukasa Yetsuka (fundador do projeto da imigração japonesa na Amazônia) a administrar a imigração japonesa na região.

Roberto Carvalho de Faro (2012, p. 9), no prefácio do romance, atesta:

Este belo livro de Ademar Aires do Amaral, ainda que em roupagem de ficção, aborda esses malogros, notadamente no capítulo da juta. Ao mesmo tempo em que é um bem

urdido romance, é também um documentário histórico da saga dos imigrantes japoneses que, enfrentando adversidades de toda ordem, lograram um ciclo, ainda que efêmero, de prosperidade com a aclimação da juta originária do Oriente.

Assim como o narrador de *Sementes do sol* descreve, a imigração dos japoneses para a Amazônia ocorreu após o período do declínio econômico causado pela crise da borracha. Henry Alexandre Wickham, em 1876, transportou sementes de seringueira para o Sudeste asiático, tornando aquela região, alguns anos depois da biopirataria, o centro de exportação do produto. Logo, a região amazônica deixou de ser o centro de comércio e produção de borracha e entrou em colapso. Nesse sentido, com a estagnação, foi necessário buscar alternativas para o reerguimento da economia amazônica. O óleo essencial de pau-rosa e da castanha-do-Pará foram alguns dos produtos que a população da localidade tentou substituir pela matéria da seringueira. No entanto, nenhuma dessas tentativas foram capazes de recuperar a primazia da borracha (Homma, 2009, p. 118).

Após muitas tentativas falhas, a imigração japonesa para a Amazônia surgiu como solução à crise da borracha, tendo início através do tratado de Amizade, Comércio e de Navegação entre o Brasil e Japão, assinado em 5 de novembro de 1895, em Paris, pelos ministros plenipotenciários Arasuke Soya, do Japão, e Gabriel de Toledo Piza e Almeida, do Brasil. O interesse de trazer o grupo étnico japonês para a Amazônia foi o de criar alternativas econômicas para a região que estava estagnada e em queda. Os koutatusseis poderiam colaborar com a recuperação das áreas degradadas, ajudando a preservar a fauna, controlar a poluição dos rios, aproveitar recursos da biodiversidade, implantar novas tecnologias, como ferramentas de madeira (Homma, 2016, p. 7) e, principalmente, introduzindo recursos que contivesse a crise da região. Por sua vez, o objetivo principal do Japão com a imigração era a expansão capitalista, procurando também por uma vida melhor, pois a Amazônia e o seu imaginário – o que se concebia sobre a terra – poderiam proporcionar isso. Como já foi citado anteriormente, o produto responsável pela ascensão amazônica foi a juta (*Corchorus capsularis*), fibra originária da Índia.

Segundo alguns estudiosos, como Tsutsumi (2007^a, apud Homma, 2016), a imigração nipônica se deu desde o final do século XIX. Grupos de japoneses, que estavam no Peru, imigraram, em navios destinados aos portos de Belém e Manaus, para a região amazônica, atraídos pela opulência da riqueza da borracha. Outro foco que pode ter incentivado a entrada de japoneses para o estado do Amazonas e Pará estava relacionado à vinda de artistas circenses e lutadores de judô (Homma, 2016, p.22-23). Porém, para se comprovar tal presença, seria necessária uma

pesquisa profunda nos jornais das cidades citadas, pesquisas documentais e demais textos. Sendo assim, o ano oficial da imigração Japonesa para o Brasil é 1908, em São Paulo, e na Amazônia em 1929 (Pará) e 1931 (Amazonas); 1929 sendo o ano responsável pelo início da imigração (24 de julho de 1929) e também a chegada (22 de setembro de 1929) dos japoneses na região Amazônica, em Parintins.

A primeira turma de koutakusseis saiu do Japão no dia 24 de julho de 1929 e chegou na região amazônica em 22 de setembro do mesmo ano. Após o primeiro grupo de japoneses, vieram mais seis turmas, totalizando sete. Ao chegarem na região amazônica, ao contrário do que pode imaginar, a saga dos nipônicos foi nada fácil, como expõe o narrador de *Sementes do sol*:

A vida nas várzeas da Amazônia era em casebres rústicos, as dificuldades de adaptação enormes, sem contar as nuvens de mosquitos, casos fatais de malária e outras doenças, ainda que na Vila Amazônia houvesse um hospital modelo com médicos competentes que vinham do Japão. (Amaral, 2012, p. 59).

Um impasse maior foi enfrentado pelo projeto de Tsukasa Uyetsuka e os japoneses: os koutakusseis não conseguiam aclimatar a fibra indiana na região. Devido ao insucesso na aclimação da fibra, muitos nipônicos desanimaram, desistiram e migraram para outras regiões do Brasil, buscando outras alternativas de produção. Dos poucos que continuaram, por acreditar piamente no futuro da juta, Ryota Oyama é o nome que se destaca. Ryota, além de político, era amigo de Uyetsuka. A convite do amigo, Ryota se mudou com a família para a Amazônia, com o dever de ajudar na aclimação da juta, devido à sua dedicação a atividades agrícolas. Por intermédio de seus conhecimentos, novas sementes e uma pequena melhora na introdução do plantio, com o tempo, ocorreu o triunfo da fibra na Amazônia. A persistência de Ryota deu frutos à cultura da juta e ao sucesso dessa fibra na localidade. Após sete anos de maus resultados, em 1937, tem-se uma produção de qualidade, sendo vendida a primeira safra da fibra à Belém, para a produção de sacarias.

Entretanto, o sofrimento dos japoneses não cessou, pois com o início da Segunda Guerra Mundial e com o ataque do Japão à base naval de Pearl Harbour, os Estados Unidos entraram na guerra, forçando o governo brasileiro a se aliar aos americanos e a opor-se ao Japão. Com isso, os nipônicos da Vila Amazônia, localizada no município de Parintins, no Amazonas, também foram vistos como inimigos, mesmo estando no Brasil. A força militar prendeu vários japoneses e os levou para uma espécie de campo de concentração, localizado em Tomé-Açu, no Pará (Homma, 2016, p. 65). Alguns koutakusseis ainda conseguiram fugir antes da chegada

dos militares e os poucos que ficaram na Vila Amazônia, por intermédio de Kotaro Tsuji, continuaram a produção da juta, sendo vigiados por autoridades policiais (Amaral, 2012, p. 73).

Conforme vimos, a imigração japonesa foi crucial para a Amazônia e para o Brasil, pois gerou uma alternativa na produção agrícola exportadora, reerguendo o país da crise na qual estava inserido. Assim, “o saldo mais importante da imigração japonesa na Amazônia foi a introdução de duas culturas exóticas: a pimenta-do-reino e a juta que foram rapidamente democratizadas pelos produtores brasileiros” (Silva; Homma, 2015, p. 295). Para Samuel Benchimol (2009, p. 470), é importante ressaltar que além da cultura da juta, os imigrantes japoneses e seus descendentes contribuíram (e ainda contribuem) de outros modos, “tanto no campo agrícola como na indústria, comércio e serviços. Essa presença se estende, por igual, a outros setores da sociedade regional, na área das profissões liberais, da ciência, ensino e pesquisa, na administração pública e na política”.

Nesse sentido, o romance ao “fazer a memória do setor empresarial japonês e nipo-descendentes na Amazônia constitui um ato de justiça e muito mais do que isso: o reconhecimento de sua importância histórica na formação social e cultural da sociedade amazônica” (Benchimol, 2009, p.474).

A lista intertextual em *Sementes do Sol*

Em *Sementes do sol*, o narrador vale-se de citações literárias, informações documentais e científicas, listas de receitas, livros e/ou enumerações de objetos no decorrer da narrativa. Qual motivo levou o narrador a inserir tais informações no romance? Qual sua intenção ao adotar esse estilo? Qual a importância destas práticas intertextuais no romance? Este tópico procura responder a essas questões.

Umberto Eco (1985), em *Pós-escrito a O nome da Rosa*, discorrendo a propósito do seu romance *O Nome da Rosa* (1980) fala sobre o trabalho de seleção do escritor no processo da produção do texto:

Quem escreve (quem pinta, esculpe, compõe música) sempre sabe o que está fazendo e quanto isso lhe custa. Sabe que deve resolver um problema. Pode acontecer que os dados iniciais sejam obscuros, pulsionais, obsessivos, não mais que uma vontade ou uma lembrança. Mas depois o problema resolve-se na escrivaniinha, interrogando a matéria sobre a qual se trabalha - matéria que possui suas próprias leis naturais, mas que ao mesmo tempo traz consigo a lembrança da cultura de que está embebida (o eco da intertextualidade) (Eco, 1985, p. 07).

Na justificativa para a elaboração do livro, Ademar Ayres do Amaral expõe que não sabia de certo quando começou a aguçar em sua mente a ideia de criar uma narrativa na qual o ciclo da

juta fosse o pano de fundo, porém recorda da contribuição de um episódio ocorrido na sua infância, auxiliando na construção do romance. Ao escolher um cenário em que o ciclo da juta na Amazônia seria o pano de fundo, Ademar Ayres necessitou fazer estudos sobre a história do fenômeno, pois para se escrever sobre um arcabouço histórico é crucial conhecer a sua memória, e, para isso utilizou materiais como fichas, livros, documentos e conversas com pessoas que tinham conhecimento sobre a temática, assim como fez Umberto Eco (1985, p. 11) para construir uma narrativa em que a historicidade fazia parte no romance:

O primeiro ano de trabalho do meu romance foi dedicado à construção do mundo. Longas listas de todos os livros que podiam ser encontrados em uma biblioteca medieval. Elencos de nomes e fichas anagráficas para inúmeros personagens, muitos dos quais foram depois excluídos da história.

Conforme esse autor ia descobrindo sobre a matéria que estava trabalhando, seu romance ia transformando-se, sofrendo alterações, exclusões e acréscimos, como ele expõe:

Do meu mundo fazia parte também a História, razão pela qual li e reli tantas crônicas medievais, e lendo-as dei-me conta de que deveriam entrar no romance outras coisas que, inicialmente, nem sequer me tinham aflorado à imaginação, como as lutas pela pobreza ou a inquisição contra os fraticelos. (Eco, 1985, p. 12).

Assim como descreveu Eco (1985), Ademar Ayres do Amaral necessitou de muitas pesquisas, visto que iria narrar fatos. A ideia inicial do autor de *Sementes do sol* era apenas escrever sobre a vida difícil dos ribeirinhos e a batalha pelo cultivo da juta, entretanto, a partir dos estudos sobre a fibra de origem indiana na Amazônia, o autor percebeu que deveria inserir ao romance a saga dos japoneses na Amazônia, visto que os nipônicos tiveram um papel crucial neste ciclo, como já foi mencionado no tópico anterior. Assim, após ter conhecimento sobre a importância dos koutakusseis na Amazônia, Ademar Ayres entendeu que sua narrativa ficaria “canhestra” (Amaral, 2012, p. 4) se não explorasse no romance sobre a imigração japonesa, isso com o objetivo de contar fielmente a historicidade do ciclo da juta. E assim o fez, sem perder a espinha dorsal da narrativa: a vida dos ribeirinhos na região amazônica.

Ao elaborar um romance que o real e o irreal se mesclam, cultura, memórias, personagens, etc. existentes também são encaixados na narrativa, por meio do “eco da intertextualidade”, como disse Eco (1985, p. 4). Michel Schneider (1985, apud Samoyault, 2008, p. 41), ao estudar sobre o princípio da intertextualidade, define que um texto é feito de

fragmentos originais, reuniões singulares, referências, acidentes, reminiscências, empréstimos voluntários. De quê é feita uma pessoa? Pedacos de identificação, imagens incorporadas, traços de caracteres assimilados, o todo (se se pode dizer) formando uma ficção chamado eu.

Para que se tenha compreensão do princípio da intertextualidade, Schneider (1985, apud Samoyault, 2008) utiliza como exemplo o ser humano e a construção da personalidade por meio do(s) outro(s). Assim como as pessoas, os textos também são escritos, elaborados por meio de outros textos, não existindo sozinhos. Nesse sentido, entende-se a intertextualidade tal qual a relação de vários textos presentes em outro(s) texto(s), em que um novo texto é construído a partir de escritos anteriores (Samoyault, 2008).

Pode-se encontrar exemplos claros de práticas intertextuais em *Sementes do sol*. O uso frequente de citações diretas é um exemplo claro dessa prática, como se vê na passagem em que o narrador explica quais motivos Uyetsuka e técnicos do projeto escolheram implantar a juta na região amazônica, recorrendo ao relatório de Uyetsuka (2011): “‘Finalmente selecionamos a juta, como sendo um produto que possui todos os fatores supracitados’ — ele escreveu em seu relatório” (Amaral, 2012, p. 53).

Segundo Samoyault (2008, p. 35) “a citação é a reprodução de um enunciado (texto citado), que se encontra extraído de um texto origem (texto 1) para ser introduzido num texto de acolhida (texto 2)”. Discorrendo acerca da prática intertextual, Eco (1985, p. 10) disse “os livros falam sempre de outros livros e toda história conta uma história já contada”. É o que se percebe em *Sementes do sol* através do trabalho da citação.

Em romances que buscam apresentar com mais clareza fatos reais ou históricos, como o de Ademar Ayres, alguns elementos dependem de uma decisão do narrador, como por exemplo o número de animais; entretanto outros, como a historicidade da juta na Amazônia, baseiam-se do mundo concreto, coincidindo com o mundo possível da narrativa, visto que a história da fibra indiana na região está embebida no real e é desejo do narrador contar sobre tal fato. Logo, infere-se que um dos propósitos que levou o narrador a adotar o uso de trechos documentais, citações, listas etc. foi o de narrar ao leitor, de forma clara e segura, o que ocorreu naquela região, fazendo-o compreender parte da história, costume e cultura amazônica.

A recorrência às citações Samoyault (2008) vale-se das concepções de Compagnon, sobre as quais comenta:

A prática da citação literária pode aparentar-se então com o princípio da colagem pictórica pregada pelo cubismo, depois pelo surrealismo. Introduzindo pedaços ou fragmentos de objetos estranhos à arte, diretamente emprestados do real, trata-se de colar a vida na arte, de fazê-la aparecer sem transformação e de embarçar assim as fronteiras entre a arte, a ficção e a realidade (2008, p.36).

A explicação para a prática da citação “de colar a vida na arte” (Samoyault, 2008, p. 36) pode ser vista como um outro motivo que levou o narrador a aderir a tal prática, utilizando fragmentos

de textos históricos para fundamentar o discurso artístico. Sendo assim, pode-se inferir que o efeito de sentido das citações literárias, documentais e outras práticas intertextuais em *Sementes do sol* é colar/apresentar parte da história da Amazônia e da importância dos nipônicos e da juta na região, por meio de uma obra literária em que o real e o fictício se misturam.

As listas são recorrentes em *Sementes do sol*. O narrador faz uso delas para classificar objetos, animais e listar receitas culinárias típicas da região amazônica. No contexto da juta, por meio da personagem Juvêncio, são elencados alguns dos objetos e/ou ferramentas utilizadas na plantação da Juta, desde o cultivo até a corte da fibra: terçado, plantadeira Tico-Tico, formicida e outros (Amaral, 2012). Ao expor os animais presentes na região amazônica, o narrador tem como costume demonstrar a pluralidade dos animais e/ou a quantidade, elencando-os. Um exemplo relevante se encontra no capítulo 2, intitulado “*Beira de rio*”, no qual o narrador apresenta a variedade de peixes presentes nos lagos após o período de chuva e cheia, tais como o tamuatá, acari, traíras, acara-açu e o pirarucu (Amaral, 2012, p. 16). Ainda a exemplo das listagens feitas pelo narrador, tem-se no romance as listas de receitas culinárias. O narrador as cita e em seguida as encaixa na narrativa, desde os ingredientes até o modo de preparo. Alguns dos pratos listados são: surubim a caldo grosso, mixira e desfiado de pirarucu (Amaral, 2012).

Em *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas* (2022), Maria Esther Maciel, ao discutir sobre o trabalho de catalogação de Arthur Bispo do Rosário, diz que os objetos de Bispo, ao serem elencados,

mesmo que esvaziados do caráter funcional, ao serem subjetivizados pela posse e pela criatividade do artista, passam a dizer muito mais de seu contexto do que quando ocupavam simplesmente o espaço utilitário de suas funções imediatas. Eles adquirem uma linguagem, convertem-se em metonímias do contexto em que foram criados (Maciel, 2022, p.17).

No romance de Ademar Ayres do Amaral, as listas intertextuais, de objetos, animais e receitas culinárias que o narrador encaixa na narrativa, assim como os objetos elencados por Bispo, ganham novos sentidos ao serem inseridos na prosa.

Segundo a concepção de Umberto Eco (2010), tais listas podem ser vistas não apenas como listas práticas, em que serviriam para enumerar objetos, elencar ingredientes, classificar as coisas presentes no mundo e/ou decorá-las, mas podem se transformar em listas poéticas.

Quando não se conhecem os confins do que se deseja representar, quando não se conhecem as coisas das quais se fala e se pressupõe então um número, se não infinito, astronomicamente grande; ou ainda quando não se consegue dar uma definição de alguma coisa por essência, portanto, para poder falar dela, para torná-la compreensível, perceptível de alguma maneira, se elencam suas propriedades. (Eco, 2010, p. 15)

A essa outra possibilidade de representação artística, Eco (2010) nomeia de elenco, lista ou catálogo, em que essas taxonomias servem, como citado anteriormente, para representar – ou tentar – as coisas existentes no mundo. Nesse sentido, quando o narrador faz uso de enumerações, taxonomias, classificações no romance, pode-se compreender que a vontade dele é demonstrar a infinitude de objetos, animais, ingredientes e receitas culinárias existentes na Amazônia. Por meio das listagens o narrador, na tentativa de enumerar as coisas do mundo, procura dar ao leitor uma numeração que represente a variedade do elemento, visto que não sabe quantos(as) há na região.

Ainda Segundo Eco (2010, p. 371), a catalogação das coisas pode levar o leitor a ler listas práticas como poéticas, ocorrendo o inverso também. Para essa troca ocorrer depende apenas da intenção com que o leitor a contempla. O cardápio de restaurante é um exemplo de lista prática, visto que sua finalidade é elencar os pratos que o restaurante tem a oferecer e os ingredientes que cada prato pode dispor. Porém, o contrário também pode ocorrer. Em um livro de gastronomia, por exemplo, a enumeração de receitas culinárias podem ocupar a categoria de listas poéticas, pois o inventário gastronômico poderia ser lido para além da identificação dos ingredientes necessários para o preparo do prato. Seria possível imaginar, fantasiar e (re)conhecer a pluralidade e riqueza de uma cozinha exótica.

Nessa perspectiva, os elencos de receitas culinárias, em *Sementes do sol*, passariam de simples listas práticas, estando embebidas no poético. Essas catalogações, além de indicar ingredientes e modo de preparo de uma refeição, permitem ao leitor imaginar, (re)conhecer a variedade da gastronomia amazônica, pluralidade de animais e parte da sua cultura. Quando o narrador enumera, ele informa ao leitor sobre parte da cultura amazônica, ao mesmo tempo que pode instigá-lo a imaginar a infinitude gastronômica, animal e de objetos existentes na Amazônia. Além disso, ao inventariar animais, receitas culinárias, objetos pode-se compreender que o narrador de *Sementes do sol* objetivou mantê-las vivas, ecoando a memória dessas coisas por meio do romance, assim como fez Jorge Luis Borges em *Las cosas* (1974) segundo a análise de Maciel (2022, p. 106): “Já Borges, por acreditar na permanência das coisas concretas para além do nosso esquecimento, tratou de inventaria-las, catalogá-las em poemas, como forma de manter viva a memória do mundo”.

Considerações finais

Sementes do sol é um romance que agrega elementos históricos que auxiliam nos estudos sobre a Amazônia e sua formação, visto que conta uma parte da memória da região e da gente

amazônica. A narrativa apresenta como é a vida dos ribeirinhos, expondo o quão é difícil a vivência nas várzeas, principalmente no inverno amazônico, que causa muitas catástrofes, como as enchentes, destacadas no romance pelo narrador. Além disso, a obra literária apresenta marcas da imigração japonesa na Amazônia, logo, contribui para que se tenha noção da saga nipônica na região. Sendo assim, “ao mesmo tempo em que é um bem urdido romance, é também um documentário histórico da saga dos imigrantes japoneses que, enfrentando adversidades de toda ordem, lograram um ciclo, ainda que efêmero, de prosperidade com a aclimatação da juta originária do Oriente” (Amaral, p. 09, 2012).

Com isso, *Sementes do sol* colabora para que não se esqueça da grande relevância que os nipônicos proporcionaram para a Amazônia e todo o país, fazendo com que o leitor reconheça o valor dos japoneses na região, tanto no campo agrícola, quanto no industrial e comercial.

As citações utilizadas no desenrolar da prosa podem ser entendidas como um suporte para o narrador descrever a história e a cultura amazônicas, visto que são empregadas com o objetivo de apresentar parte da formação social, cultural e econômica da Amazônia, dando ainda notoriedade a importância dos japoneses na região. As listas, assumindo o papel de poéticas, também podem ser analisadas como suporte para que se entenda sobre a localidade, pois a prática de elencar objetos, animais e principalmente as receitas culinárias, aludiriam à riqueza cultural da Amazônia. Os seres e objetos listados seriam adornos que espelhariam a prática cultural e singular da Amazônia. Sendo assim, a listagem das coisas, em *Sementes do sol*, além de restituir à vida o passado do ciclo da juta, faz memória à cultura amazônica. Logo, "a lista é particularmente adequada ao combate contra o esquecimento" (Sá, 2020, p. 179).

Para finalizar, *Sementes do sol* ao abordar parte da história amazônica, em um misto de ficção e realidade, “descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente” (Bosi, 1996, p. 27).

Referências

- AMARAL, Ademar Ayres. *Sementes do sol*. Belém: Ademar Ayres do Amaral, 2012.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação social e cultural*. 3.ed. Manaus: Editora Valer, 2009. 546 p.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação social e cultural*. Manaus: Editora. Valer, 2009.
- BOSI, Alfredo. *Narrativa e resistência*. Araraquara: itinerários, 1996. p. 11-27.

COMPANGON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Trad. Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ECO, Umberto. *A vertigem das listas*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (ORG.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 33-58.

MACIEL, Maria Esther. *A memória das coisas: Ensaios de literatura, cinema e artes plásticas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2022.

RANGEL, Samuel. *Inferno Verde*. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *Intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SÁ, Luiz Fenando Ferreira. *Percursos crítico-teóricos das listas na literatura*. *FronteiraZ*. v. 1, n. 24, p. 166-181.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. Caminhos da agropecuária amazônica como instrumento de desenvolvimento. In: SILVA, Osiris M. Araújo da; HOMMA, Alfredo Kingo Oyama (Org.). *Pan-Amazônia: visão histórica, perspectivas de integração e crescimento*. Manaus: FIEAM, 2015. p. 268-305.

THIÉRIION, Brigitte. Prefácio. In: SOUZA, Márcio. *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

TSUNODA, Fusako. *Canção da Amazônia: uma saga na selva*. Tradução Jorge Kassuga. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.